

O Progresso Catholico

...sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

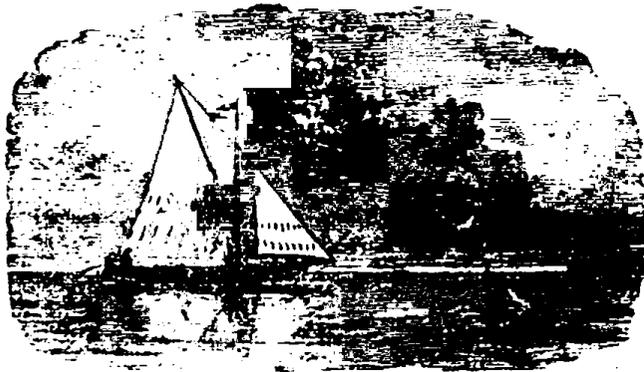
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad brævium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Pastoral do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, acerca do centenário do Infante D. Henrique.*—Secção Religiosa: *Cruz, Spes unica*, por A. Julio Miranda.—Secção Scientifica: *O diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 95.^o*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Illustrada, por R.—Retrospecto.

Gravuras: *Bordejando; Sancto André em Bayona; Jogando o xadrez.*



BORDEJANDO

Pastoral do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, acerca do centenario do Infante D. Henrique

II

(Conclusão do n.º antecedente)

Altos empreendimentos trazia em mente o infante para se consagrar a um genero de vida tão alheio da côrte e do nascimento, das honras e dos titulos com que fôra condecorado. Character firme e vontade de ferro para se esquivar ás doçuras da sociedade, consagrando-se inteiramente ao trabalho, á solidão, ao estudo, no intuito de enventar e proseguir os seus dourados sonhos, que pareciam ser irrealisaveis projectos. «Tendo assim dado singulares provas de valor em Africa, escreve o mesmo chronista, n'esta famosa facção em que acompanhou a El-Rei seu pae, animado de uma resolução heroica empreendeu novos descobrimentos, que conseqüiu, para o que contribuiu muito, como principal parte, a sua grande applicação; porque foi seiente na mathematica e principalmente na cosmographia. A este fim tomou para sua residência a villa de Sagres, no reino do Algarve, para commodamente poder vagar a seus estudos, sem os embaracões da côrte, sendo este o motivo por que se não ligou com o matrimonio.»

E se quizeramos pesquisar agora todos os estímulos d'esta vocação sublimada, lá descobriríamos a fé christã, a crença firme no Evangelho, como a base de todo o seu proceder. Não era só dar á sciencia nova esphera, abrir á patria horisontes vastos, cingir sua frente de viridentes louros, era, antes de tudo, realisar a palavra de Christo na sua oração sublime no eterno Paes: *Adveniat regnum tuum*; venha a nós o vosso reino. Será preciso desconhecer, por completo, esse piedoso e crente e fervoroso espirito da sociedade medievall, para não descobrir em toda a vida d'essas gerações o ardente desejo de plantar a Cruz por toda a parte; no alto dos soberbos campanarios, como nas montanhas e nas planicies, no ermo e no povoado, no diadema dos reis como na espada dos cavalleiros, nos paizes christãos como nos reinos dos infieis, n'estes especialmente, n'estes, sobre tudo, pois que estavam ainda sepultados nas trevas da morte. Qual outro foi o movel dos cavalleiros cruzados, dos grandes vultos guerreiros que por terra o por mar combateram as meias luas musulmanas, e que de Carlos Martel a S. Luiz, de S. Fernando a D. João d'Austria, de Alfonso Henriques a João Sobieski, offereceram aos povos da Europa, da Asia

o da Africa, o espectáculo da mais heroica valentia, unida á mais sincera e ardente fé? E' só assim que uma luz sobrenatural esclarece os espiritos e retempêra os animos, guiando-os e fortalecendo-os na senda das mais audaciosas e remontadas emprezas.

Pois o nosso venerando infante pertenceu aos grandes homens d'esta rija tempera, e concorreu para illustres e nunca vistos feitos, que foram o espanto dos contemporaneos e são ainda, e serão sempre, a admiração do mundo todo.

«A sua casa foi o seminario do valor, onde se crearam fidalgos e homens dignos do seu exemplo, e que pelas suas emprezas se fizeram conhecidos no mundo.» Pois, com effeito, quando se considera esta heroica resolução do infante, nada menos podemos do que curvar-nos de respeito e admiração; mas se attentamos nos seus fecundos e, sob todo o ponto, maravilhosos resultados, é para se cahir prostrado diante da Providencia divina que taes glorias quiz dispensar ao nosso Portugal e a filhos seus! O vasto campo das explorações maritimas, iniciadas e tenazmente impellidas pelo infante, os dilatados horisontes de mares e de continentes, que ninguém antes vira, abertos ao mundo pelos seus ousados discipulos e servidores, as ilhas numerosas e bellas, as longas plagas conquistadas para a corôa portugueza, são assumpto bem digno do mais formoso poema, da mais heroica epopôa que se escreveu na lingua patria. E o nome glorioso do grande homem, que concebeu e realisou esta obra sublime, deve ser gravado em toda a parte em letras d'ouro, assim como nos nossos corações em scintillações de entusiastico affecto e indelevel gratidão. Nem se tome á conta de exaggero este nosso sentir e dizer. Um dos nossos mais festejados escriptores contemporaneos, no seu livro «Os descobrimentos dos Portuguezes e os de Colombo», diz do infante o seguinte, que bem merece repetir-se: «Era preciso que fosse um genio verdadeiramente transcendente o d'esse homem quasi divino, que teve a intuição sublime da verdade e a inspiração de um genio creador, que sonhou um mundo aberto inteiramente á luz, um mar sem trevas, a humanidade circulando sem peias em volta da terra seu dominio, e que logrou escrever na face das ondas com a quilha das suas caravelhas essa epopôa maravilhosa que elle conceben em Sagres e que foi a grande epopôa do renascimento.»

Em verdade, se bem considerarmos os erros, os preconceitos, as lendas que toda a antiguidade tinha accumulado acerca do mar tenebroso, todo cheico de monstros horrendos e de in-

sondaveis abyssos, prestes a tragar sem remedio todos os temerarios que ahi se aventurassem; as ilhas encantadas, os fôgos devoradores da zona torrida, a morte perenne que ahi reinava; enorme, immensa, enexcedivel se nos ha de afigurar a audacia de uma tal empreza.

Como se dissiparam esses prejuizos, como se esvaeceram essas fabulas, como se perderam esses terrores? O alto engenho, a sciencia profunda e a fé sublime foram certamente os astros luminosos que operaram a maravilhosa transformação. Presentia-se a existencia de largos continentes para além dos mares, de centenares de ilhas no meio do vasto oceano, tudo habitado por densa população; a India, a famosa India tão cobiçada, lá no extremo oriente com todos seus thesouros, com seus milhões de habitantes ainda submersos nas trevas da gentilidade; qual a alma abrasada no fogo ardente da fé, qual o peito inflammado no amor da patria que podesse quedar-se sem correr á descoberta e á conquista, para alargar os dominios do Evangelho e trazer ao paiz as enormes riquezas que lá se escondiam? «O que dominava sobre tudo o espirito do infante, escreve ainda o sr. Pinheiro Chagas, era a anciedade da investigação scientifica e o ardor pela conquista dos grandes ideaes religiosos da meia idade.» Por isso, sem deixar de correr á defeza das conquistas africanas com o vigor dos primeiros annos, e de prestar seu braço forte, seu alto engenho, seu prudente conselho, sempre que a honra da patria e o prestigio do throno o demandavam, concentrava sua particular attenção no meditado plano da descoberta e conquista d'esses mares nunca d'antes navegados.

No seu observatorio de Sagres abriu escola nautica, onde elle proprio leccionava, transmittindo aos seus servidores e discipulos os conhecimentos adquiridos no estudo da historia, das cartas maritimas, dos instrumentos adaptados aos usos da navegação. Ali estabeleceu estaleiros para a construção dos navios e igualmente n'esta arte dava lições theoreticas e praticas. A administração da Ordem de Christo, de que era governador, lhe mereceu especial attenção, como quem presentia o valioso concurso que viria a prestar-lhe essa valente e disciplinada milicia. Bem pode dizer-se que o promontorio de Sagres era um campo de manobras, um alcaçar de sciencia e um arsenal bem apetrechado, reunido tudo sob o tecto de uma casa religiosa, entremeiando-se, com os exercicios bellicos e a cultura das letras, as praticas religiosas e devotas. Não admira, por tanto, que d'aquelle viveiro sahisse homens

taes como os que vieram travar luctas ingentes com as ondas embravecidas, mais temerosas do que as que primeiro haviam experimentado nos adustos areiaes da Africa com as turbas mauritanas.

III

Contava apenas 24 annos o infante; sua fronte grave, austera e pensativa era já coroada de louros; seu pae e seus irmãos o reverenciavam, admirando o conjuncto de predicados que o enalteciam; seus discipulos e servidores lhe dedicavam affecto filial e respeito disciplinar, sempre promptos a cumprir seus preccitos e seus desejos. Conhecia o infante os brios e a competencia d'alguns dos seus creados e lançou os na primeira tentativa. No decurso do anno de 1418 sahiram do porto de Sagres, em caravella devidamente equipada, João Gonçalves Zargo e Tristão Vaz Teixeira com ordem de correr a costa da Berberia até onde lhes fosse possível, no quadrante do sul. Mas a meio caminho da costa d'Africa desencadeou-se furiosa tormenta que arrojou o fragil baixel ás costas d'uma pequena ilha, despovoada e ignota, onde puderam salvar-se. Estavam iniciadas as descobertas com o apparecimento casual ou providencial do Porto Santo, assim denominado pelos audazes navegadores, como para agradecerem a Deus o haver-lhes deparado n'aquelle abrigo um seguro porto de salvamento.

No anno seguinte descobriam os mesmos nautas a Madeira, e tractaram logo de povoal-a, obtemperando ás ordens do infante e a seus proprios interesses, por lhes haver sido conferida a donataria da mesma.

D'ora em diante multiplicam-se as viagens de exploração, dando em resultado o descobrimento dos archipelagos dos Açores e de Cabo Verde, continuando-se sempre a caminhar para o sul, de sorte que á morte do preclaro infante estava conhecida toda a costa d'Africa, desde o cabo Bojador até á serra Leão, isto é, 367 leguas de costa maritima e seus respectivos territorios mais proximos da beira-mar, d'esse enorme e mysterioso Continente Negrol

Assim desapareciam os terrores da zona torrida, posto se não tivesse chegado ao Equador, como estavam desfeitas as lendas dos monstros marinhos e do mesmo mar tenebroso, deixando o infante, ao cahir prostrado pela morte, um dos mais importantes problemas da sciencia humana completamente resolvido, mesmo sem ter attingido o grande ideal que lhe absorvera a existencia. Estavam dados os primeiros passos, sem duvida agigantados, n'este vigoroso impulso á navegação do alto,

de modo que d'ora ávante Portugal, caminhando sempre na vanguarda das explorações e descobertas, alcança um nome glorioso nos annaes da humanidade e alarga por modo tal os seus dominios que, bem pode dizer-se durante seculos, n'elles nunca o sol se esconde.

Os denodados cavalleiros de Christo, fieis á divisa do seu Grão-Mestre, continuam a marcha audaciosa para o desconhecido, sempre promptos no serviço de Deus, da patria e do rei. Viera esta milicia insigne substituir a dos Templarios que fôra abolida; «mas vieram esses valentes cavalleiros ser os Templarios do mar, cujo habito e cuja commenda foram «a estrella dos bravos», cujas phalanges intrepidias foram a Leção de Honra de nossas maritimas victorias.»

Povoaram-se os vastos archipelagos, cultivaram-se suas campinas, desbravaram-se as suas mattas, levantaram-se villas e cidades, civilisaram-se os povos que vieram ahi estabelecer-se, e foi a cruz o labaro que primeiro brilhou para aggremiar, cultivar e polir as diversas raças que procuraram essas plagas. O que seriam estes paizes se, em vez dos cavalleiros de Christo, viessem governar aqui os sectarios de Mafoma? O mesmo que são as costas da Berberia, onde ha seculos impéra essa crença sensual e fatalista que lança algemas nos pulsos escravizados d'aquella desventurada raça de barbaros, condemnada a jazer para sempre separada do convívio da civilisação.

O audaz cavalleiro asceta lançando, do alto do seu eremiterio de Sagres, os seus legionarios á conquista dos mares, prestou á civilisação o mais assignalado serviço de que reza a historia. Vieram após d'elle os outros navegadores, os outros povos e por isso foi descoberto o novo mundo e se alcançou o velho ideal de chegar á India pelo occidente e, ainda depois, o de dar-se a volta ao globo.

Essas raças indigenas que vegetavam nas trevas, como as que correram de pontos diversos a pesquisar as riquezas naturaes dos vastos paizes insulares e continentaes, todas tiveram os ministros de Christo para lhes explicar as paginas do Evangelho, e assim levar-lhes ao espirito a luz e ao coração a caridade. Quanto, pois, devemos ao grande homem que teve a inspiração d'essas conquistas? Memoremos sempre este nome venerando e curvemo-nos respeitosos e agradecidos ante sua abençoada memoria. Quizeramos que o seu vulto austero e virtuoso se levantasse como padrão do passado e exemplo ás gerações que passam. Até se não fôra temeridade, desejaríamos que pudesse a sua imagem ser, algum dia, levantada sobre os altares. Elle

que tambem soube ser fiel á sua divisa; que foi um asceta na penitencia e na pureza de vida, na piedade e nas practicas religiosas, deve ter sido abraçado por Deus e ter valimento ante o throno que tão bem serviu e honrou.

Ora como «todo o dom perfeito desce do Pae das luzes, ao qual só é dada toda a honra e toda a gloria», nós iremos ao templo n'esse memoravel dia 4 de Março de 1894, para render fervorosas graças ao mesmo Senhor de misericordia que nos deu a Portugal esse homem insigne, que podemos considerar como gloria nossa, nossa consolação e honra do nosso povo, esse cavalleiro sabio e extremado que consagrou sua vida toda ao serviço de Deus e da patria, que tanto exaltou e engrandeceu. Vamos exorar o Supremo dominador dos imperios para que se digno levantar a nossa amada patria, actualmente tão abatida e desprezada; que seja servido de conceder-nos homens de genio, de character, de honradez e principalmente de fé, para nos merecerem as suas divinas benções; que seja este quinto centenario do grande infante D. Henrique uma aurora auspiciosa de renascimento e de venturas. Seja n'esse dia, de todos os Madeirenses, de todos os Portuguezes, um só coração e uma só alma entoando um clamor unisono que suba vibrante de entusiasmo, de crença e de intima gratidão até ás plantas do Altissimo, e a esperança despontará risonha em nossas almas.

A fim de serem prestadas as homenagens convenientes a Deus, e as honras devidas ao infante, ordenamos o seguinte:

1.º Em todos os campanarios da diocese serão dados repiques festivos no proximo dia 4 de Março de 1894, de manhã, ao meio dia e á noite.

2.º Em todas as egrejas parochias será cantado, á hora que parecer mais conveniente, um solemne *Te-Deum*, ante o Sacramento exposto; ou, quando as circumstancias o não permittam com tal pompa, será entoado em face do mesmo augusto Sacramento exposto á bôcca do sacratio.

3.º Os fieis serão prevenidos, com a precisa anticipação, para este acto religioso, sendo-lhes bem explicado o motivo do mesmo.

4.º Em nossa Sê cathedral celebraremos de pontifical, se não oocorrer caso de força maior que nos impossibilite.

5.º Esta nossa carta Pastoral será, depois de impressa, remetida ao muito Revd.º Cabido e aos Revd.º Parochos, para seu conhecimento e devidos effectos, sendo convenientemente archivada.

Dada no Funchal, residencia da Penha de França, aos 12 de Dezembro de 1893, sob nosso signal e sello.

L. ✠ S.

✠ *Manoel, Bispo do Funchal.*

SECÇÃO RELIGIOSA

CRUX, SPES UNICA



SECULO desenove, seculo do progresso!

A tua aureola irradia a luz dos mais formosos espiritos, e os teus louros assignalam a lucta dos mais encontrados principios.

Deante de ti não passou a escuridão, e os maiores problemas não se escondem ao teu labutar continuo.

Com o prodigio da idea venceste os velhos inimigos, que impedião a tua marcha vertiginosa, e no marmore dos teus monumentos gravaste o epitaphio das instituições, que foram.

Em frente do passado desenrolas os pergaminhos da tua nobresa, e, na consciencia do teu valor, orgulhas-te de civilisado.

A sciencia abrindo com sulcos de luz a senda indefinida do progresso. A industria dominando as forças da materia, penetrando as entranhas da terra, extrahindo dos opulentos thesoiros da natureza inexhauriveis fontes de riqueza. A arte decompondo elementos, organisando productos, transformando em preciosos artefactos as materias primas da criação; copiando na tela ou cinzelando no marmore as creações esplendidas do genio; traduzindo em suaves harmonias as notas mais finas do sentimento; marchetando o firmamento social de constellações maravilhosas de inventos; tudo isto e mais que isto, constitue o titulo de gloria d'este seculo, que se acoberta com os europeis de civilisação e de progresso.

Mas a descrença e a miseria, os dois postes, que sustentam a guilhotina, a materia, que cimenta os carcerees, que se multiplicam, poem bem a

descoberto a funda chaga, que vai corroendo as entranhas da sociedade moderna.

Por entre o ruido das machinas e o folgar dos festins ouve-se um surdo rumor de gemidos e desesperos, semelhando a toada lugubre d'um cortejo funebre. . .

Essa agonia pungente sabida dos recantos da sociedade é o *dies irae* tremendo da proxima dissolução!

O materialismo e altruismo sob as formas mais caprichosas, abaixaram o homem do seu pedestal de gloria, para o deixarem á mercê da materia. debater-se n'um *mare magnum* de contradicções impossiveis.

A sujeição aos poderes, o desinteresse das dedicações, a boa fé nos contractos, cederam á immoralidade, e a sociedade transformou-se n'uma convenção fundada no utilitarismo mais egoista.

A infidelidade assaltou o lar domestico e a prostituição alastra-se, como estendal de lucto, pelas ruas e praças d'esse mundo, que se chama civilisado.

E, no meio do luxo e da devassidão infrene, exasperam milhares de victimas, enfraquecidas pela miseria e desalentadas pela descrença.

E por ultimo, o suicidio, a mais tremenda calamidade da historia de hoje, remata a serie de infortunios que conduzem os povos por despenhadeiros, embora juncados de flores, ao pavoroso abysmo da extrema ruina.

Acudi á miseria e venci a descrença.

Remediae os males resultantes das transformações economicas e das variações do commercio e da industria, para que o carro triumphal da civilisação victoriosa não deixe após si rastos de sangue no seu trajecto luminoso.

Enchei da luz do Christianismo as consciencias entenebrecidas, leveae alento e pão á fria enxerga do pobre.

Estudae o Evangelho e glorificae a Cruz.

O Evangelho e a Cruz, a theoria do amor e a pratica do soffrimento

realisarão a missão salvadora pela transformação dos principios e pela orientação das consciencias.

Aprendei n'esse livro divino do amor e da dor e regenerae os costumes; estudae esse colligo da mais admiravel legislação e modificae as leis.

Seja o Evangelho o verbo ideal da nova civilisação; seja a Cruz, arregaada com o sangue do primeiro Martyr, a doce companheira de todas as lides, a divina dulcificadora de todas as angustias.

Seja ella a bandeira do combate e a bandeira do triumpho; pelejae pela Cruz e venci pela Cruz.

Aos seus pés encontrareis perdão e vida porque n'ella foram expiadas todas as culpas e soffridas todas as dores!

Ella abraçará todos os povos com seus braços de luz e amor, conjuntando-os no amplexo sancto da caridade, que é a ultima palavra da sciencia divina em face das utopias humanas!

O Crux, ave, Spes unica.

Guimarães.

A. Julio Miranda.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O diabo e as suas obras

(Continuação do n.º antecedente)

III

QUAL seja a formosura do logar da Gloria, e qual sua grandeza e magnificencia, no referente ao numero e belleza do exercito incalculavel de espiritos bemaventurados, que, ordenados com maravilhoso concerto, formam a côrte d'aquelle soberano Rei, não é possivel declaral-o em lingua humana sem uma luz especial de Deus, como o significa o Apostolo, escrevendo aos christãos de Epheso. (1)

Mui apoucadas e mesquinhas parecem as grandezas da terra defrontadas com aquella incomparavel grandeza. Se o soberano Auctor da criação tam rico e admiravel se quiz mostrar na fabrica d'este mundo, habitação do homem, pelo numero, condição e variedade dos seres que o povoam, de tal sorte que o Rei propheta canta «que os céos, que

(1) I ad Ephes.

por fóra apparecem, apregoam a gloria de Deus, e o firmamento annuncia a grandeza das obras de suas mãos», que maravilha estupenda não será aquelle Real edificio, architectado para si e para galardoar e premiar a seus escolhidos e predilectos?

Do sagrado numero dos anjos lê-se no livro do propheta Daniel que *eram milhares de milhares os que serviam a Deus, e dez vezes cem mil milhões os que deante d'elle assistiam*, (1) concordando isto com as palavras de S. João. ao referir a visão de Patmos, na qual viu a Jesus Christo em seu throno de gloria, e diz: *Ouvi a voz de muitos anjos ao redor do solio. . . e era o numero d'elles milhares de milhares* (2). Similhanemente opinam S. Gregorio (3), Sancto Anselmo (4), Sancto Irineo (5), e muitos outros, affirmando que é tal a multidão dos espiritos que formam a milicia do Senhor de toda a majestade, que ninguem conseguiria contal-os, o que recorda as palavras de Job: *Poderoso e terrivel é aquelle que mantém a harmonia nos altos céos; por ventura pode contar-se o numero de sua celestial milicia* (6)? E assim deve de ser, pois pede a grandeza e magnificencia da suprema Majestade de Deus, que seja innumeravel a multidão dos espiritos que lhe assistem e o adoram, e innumeraveis tambem as legiões e exercitos que defendem sua honra.

Aquelle supremo Legislador, que se digno fazer resplandecer a sua omnipotencia e sabedoria na maravilhosa consonancia com que se acham ordenadas as creaturas visiveis, inferiores ás invisiveis, quiz, de igual modo, segundo o testemunho das Escripturas e dos sanctos Padres, que os espiritos angelicos constituissem uma verdadeira milicia, admiravelmente regulada, e distribuida em suas gerarchias e ordens, com harmonia e concerto. E isto é pontualmente o que indica tambem nos mencionados Exorcismos o grande Pontifice Leão XIII, quando ao invocar o archanjo S. Miguel lhe chama: *Principes gloriosissimo da milicia celestial*, e lhe pede que saia hoje com o exercito dos sanctos anjos a pelear as batalhas do Senhor, como outr'ora contra Lucifer, principe da suberba e seus anjos apostatas (7).

(1) Dan. VII, 10.

(2) Apoc. V, 11.

(3) S. Greg. lib. VII, Moral. cap. 9.

(4) S. Anselm. in c. V. Apocal.

(5) S. Irene. lib. 2, cap. in. Apoc.

(6) Job. XXV, 8.

(7) *Principes gloriosissime caelestis militie, Sancte Michael Arcangele... Praeliare hodie cum beatorum Angelorum exercitu proelia Domini, sicut pugnasti olim contra ducem superbice et angelos ejus apostaticos.* (Exorcism. jussu Leon XIII edit.—Ad S. Mich. presatio).

Muitos theologos, fundados nas citadas expressões de Daniel: *milhares de milhares serviam a Deus e dez vezes cem mil milhões lhe assistiam*, classificam os anjos em *assistentes e ministrantes*, sendo os primeiros os que assistem perpetuamente a Deus em seu throno, e os segundos os que tem por officio a prompta execução de suas ordens e mandados. Porque, em verdade, nada ha mais proprio d'esta cõrte soberana do Rei omnipotente, cujo principado e senhorio não tem fim, que esta perpetua adoração com que ao pé do throno de Deus e de seu Cordeiro lhe entoam innumeraveis multidões canticos de louvor, em tanto que outro innumeravel exercito de Principes nobilissimos, servos fleis, defendem sua honra ultrajada pelos espiritos infernaes e seus desgraçados ministros os homens depravados, e cumpre suas ordens em favor da Esposa do Cordeiro e de cada um de seus fleis filhos e servos.

A esta ultima qualidade de espiritos bemaventurados allude indubitavelmente S. Sanctidade quando, ao invocar o sancto Archanjo, lhe pede que como «chefe e Principe sempre invicto, accuda em auxilio do povo de Deus contra as malvadas invasões dos espiritos infernaes», allegando como poderoso motivo a inclinal-o a defender-nos «que a sancta Igreja o venera como Custodio e Patrono; que se gloria de tel-o por defensor contra as perversas potestades da terra, e do inferno; e que o Senhor lhe confluio nossas almas para as conduzir à eterna felicidade.»

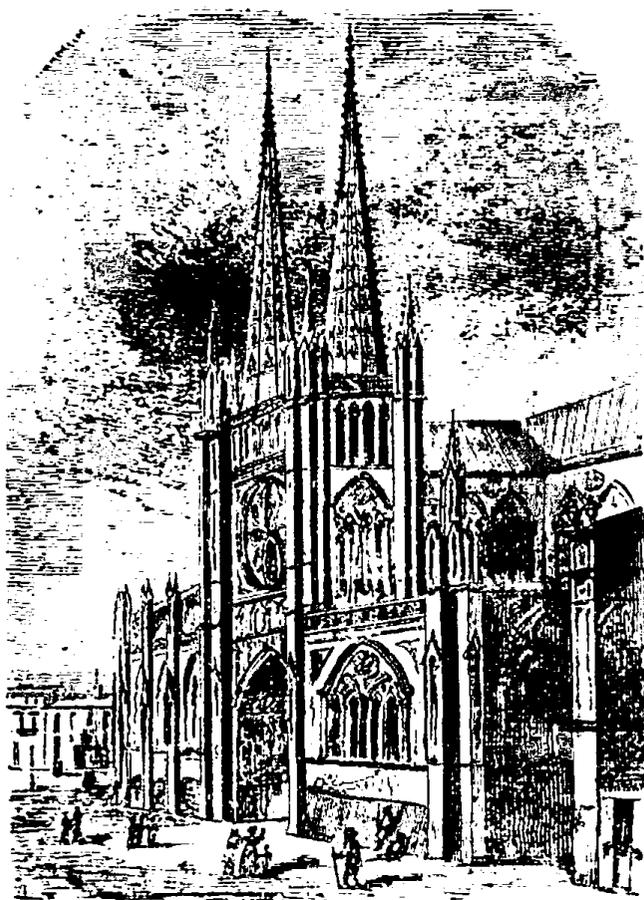
Não ha sido desfinido pelo supremo oraculo da fé o numero e ordem das Gerarchias e Coros dos anjos com seus titulos, prerogativas e officios; fórma porém parte integrante da divina revelação a doutrina que estabelece diversos graus de dignidade entre os anjos, dividindo-os em Gerarchias e Coros, sendo commumente admittido pela Igreja, fundada nos livros sanctos e no que, em seu aureo livro *De caelestis Hierarchia et de Divinis Nominibus*, deixou escripto S. Dionysio, que o aprendeu dos mesmos Apostolos: «que são tres as Gerarchias angelicas com tres ordens ou Coros, em cada uma d'ellas — Seraphins, Cherubins e Thronos, que compõe a primeira Gerarchia; Dominações, Virtudes e Potestades, que formam a segunda; Principados, Archanjos e Anjos, que constituem a terceira.» De todos são conhecidas aquellas palavras com que o Papa S. Gregorio fala dos nove Coros dos Anjos, em sua Homilia 34 sobre o Evangelho. «Que existem os Anjos e os Archanjos, disse este sancto Pontifice, testemunham-no quasi todas as paginas da Sagrada Escriptura, e os livros dos Prophetas falam muitas vezes dos Cherubins e Seraphins.» O

Apostolo S. Paulo, na sua Epistola aos fleis de Epheso, enumera tambem os nomes de quatro ordens quando diz: «Sobre todo o Principado, e Potestade, e Virtude, e Dominação.» e escrevendo aos collocenses acrescenta: sejam os Thronos, ou as Potestades, ou as Virtudes ou as Dominações.» E logo conclue: «se pois ás quatro que se enumeram na Epistola aos Ephesios se adicionam os thronos, temos cinco ordens, e unindo a estes os Anjos e os Archanjos, os Cherubins e os Seraphins, sem duvida alguma se verá que são nove os coros dos Anjos. São palavras textuaes de S. Gregorio, a cuja auctoridade deve de acrescentar-se, como é notorio, a irrefragavel da Sagrada Escriptura.

Para maior esclarecimento do que sejam estas Gerarchias e Coros, deixando à parte os differentes officios e ministerios de cada um, de que logo falaremos, é muito para notar, segundo ensina o Angelico Doutor, Sancto Thomaz, que os anjos da primeira Gerarchia são illuminados directa e immediatamente pelo mesmo Deus, ao passo que os da segunda recebem ordinariamente dos da primeira as illuminações ácerca dos ministerios que Deus lhes confia, recebendo-os immediatamente dos d'esta ultima os da terceira, salvo sempre o conhecimento immediato das cousas no Verbo divino, conhecimento que lhes advem por visão clara e intuitiva do mesmo Deus. (1)

Todos os anjos amam ardentemente a Deus e o conhecem e adoram, e o mesmo deve sentir-se com relação ás demais prerogativas e actos inseparaveis da posse do Summo Bem no céo. Cada um porém dos coros angelicos se distingue dos demais pelo modo particular com que Deus o ha enriquecido pelas communicações de algum de seus ineffaveis privilegios e, podendo-se dizer que cada um d'elles vem a ser n'este sentido como a representação especial da divina liberalidade e sua omnipotente sabedoria. Supposto isto, diremos que na primeira Gerarchia ha um côro que representa o amor de Deus, outro, sua sabedoria infinita, outro, sua Majestade. E' o primeiro o côro dos Seraphins, o segundo o do Cherubins, e o terceiro o dos thronos. Os Seraphins tomam este nome, porque unidos intimamente com Deus pelo amor, recebem os ardores intensissimos de sua caridade infinita, e transformados (por assim dizer) em torrentes de chammas, communicam seus divinos ardores aos demais anjos, e, por ministerio d'elles, aos homens. Ouçamos S. Bernardo: *Consideremos os Seraphins como inflamados de amor divino, que communicando seu fogo aos*

(1) S. Thom. I, q. 108, art. 1.



SANCTO ANDRÉ EM BAYONA

demais, são fachos ardentes de divina caridade. (1)

Os Cherubins, assim chamados pelo conhecimento perfeitissimo que teem de Deus, são illuminados immediatamente pelos vivissimos resplendores do Sol Eterno da Verdade, e embebecidos na clarissima contemplação d'aquella formosura, grandeza e bondade, penetram seus reconditos segredos e mysterios.

Por seu ministerio são communicadas as luzes divinas aos outros anjos e por estes aos homens. *Consideremos os Cherubins*, diz S. Bernardo, *bebendo immediatamente na mesma fonte da sabedoria, e, saciada sua mente e seu coração nos caudales da luz Divina que saem da bocca do Altissimo, diffundindo e communicando aos demais as torrentes da sciencia que os illustra* (1). Os Thronos, finalmente, se chamam taes, diz S. Dio-

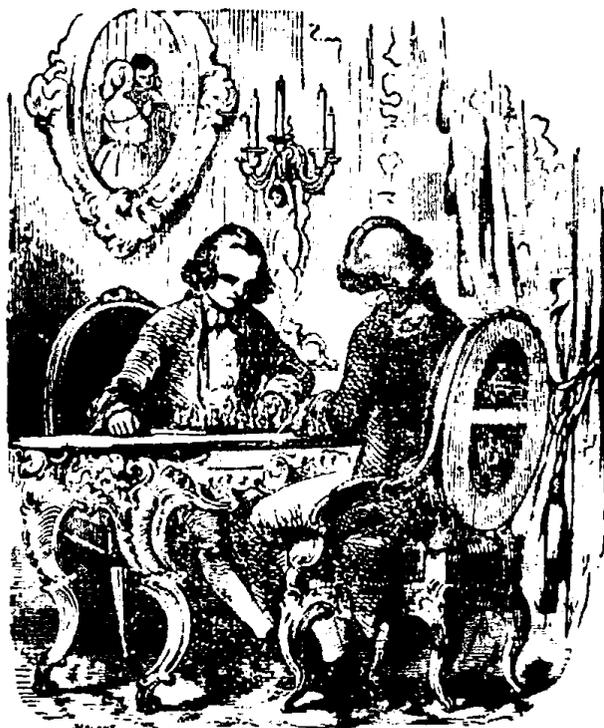
nysio, *quasi Deifer* (1), porque n'elles reside como em seu proprio palacio a Majestade de Deus, e por intermedio d'elles, accrescenta S. Gregorio, pronuncia o Senhor os seus juizos. (2) Além d'isso, n'elles está a suprema adoração em que se distinguem especialmente dos demais coros angelicos, sempre dispostos a receberem o Deus da Majestade e suas divinas influencias. *Consideremos os Thronos*, diz o mesmo San-

(1) *Putemus Seraphim Divino igne succensos, succendere universa, ut singuli sint lucerna ardentes.* (S. Bern. lib. 5, de consi. c. 4).

(1) *Putemus cherubim ex ipso Sapientiae fonte, ore Altissimi hauriens et refundentes fuenta scientiae.* (S. Bern. Ibidem.)

(1) S. Dionis lib. De Cœlest. Hierar. c. 6.

(2) S. Greg. Hom. 34 in Evang.



JOGANDO O XADREZ

cto, que entretanto gozam de eterno descanso, que é summa tranquillidade, placidissima serenidade, paz que sobrepuja todo o intencimento (1)? Donde parece que dos Seraphins havemos de aprender a amar a Deus, dos Cherubins a meditar seus mysterios, e dos Thronos a servir e adorar sua divina Majestade e dar cumprimento a suas inspirações e mandados.

Na segunda Gerarchia ha um côro que representa o senhorio que Deus exerce sobre todas as coisas, e a este se dá o nome de *Dominações*; outro que representa o divino poder para communicar-o aos anjos e aos homens.

(1) *Putemus Thronos, qui ex eo sedent, quod sedet in his Deus. Quæris tu istam sessionem, summam tranquillitatem, placidissimam serenitatem, pacem quæ exuperat omnem sensum?* (S. Bern. Ibid.)

chamado côro das *Virtudes*; e um terceiro, finalmente, que exprime a forteza e efficacia da vontade divina contra as potestades infernaes, que se chama das *Potestades*. Discorramos um momento relativamente a cada um.

Quanto ás *Dominações* ha a dizer que recebem de Deus e communicam ás ordens inferiores os decretos e permissoes da vontade soberana, dispondo e ordenando as coisas para gloria de Deus e bem dos homens. Por isto se consideram superiores aos coros da segunda e terceira gerarchia, aos quaes está reservada a execucao, no mundo, dos divinos designios, ao passo que as *Dominações* não executam, senão que ordenam aos demais quanto é referente ao bem da Igreja, das nações e dos homens. As *Dominações*, diz S. Bernardo, estão collocadas sobre os demais coros, por que a ellas está confiado o regimen

e direcção, tanto das *Virtudes* como das *Potestades e Principades* (1).

E posto que, pelo que acima dissemos, são as *Virtudes* as que representam o poder infinito de Deus, corresponde aos anjos d'este côro principalmente, segundo S. Dionysio e S. Gregorio (2), glorificar a Deus por meio dos milagres, invertendo a ordem e suspendendo as leis naturaes, quando assim convem á realisacão dos designios divinos, pelo qual dispõem e preparam tambem as causas segundas, quando o Senhor quer valer-se d'ellas para o cumprimento de seus decretos. N'este mesmo sentido se expressa S. Bernardo

(1) *Dominaciones cunctis supereminere ordinibus, et ad istas tamquam ad Dominos referri regimine Principatum tutamina Potestatum, operationes Virtutum.* (S. Bern. Ibid.)

(2) S. Dionys. no logar citado.

quando afirma que, ao imperio e por ordem das Virtudes, apparecem os signaes extraordinarios e os prodigios operados nos elementos para ensino e utilidade dos homens. (1)

As Potestades, por ultimo, hão recebido de Deus o poder e a fortaleza para enfrear os espiritos infernaes, reprimindo-os para que não possam infurecer-se contra os homens e especialmente contra a Igreja, quando contra uns e outra pretendem soltar seus encendidos rancores, já por assaltos directos, já valendo-se, como amiude acontece, das mesmas causas naturaes. Assim se exprimem S. Gregorio e S. Bernardo, de quem são as seguintes palavras: *Pelo poder das Potestades é reprimido o poder das trevas, para que não possam damnificar quanto queiram, nem combater sendo para confusão sua e proveito do homem* (2). As Dominações nos ensinam como devemos obedecer e submeter-nos a Deus; as Virtudes manifestam-nos a confiança illimitada com que devemos acudir á Divina Bondade; as Potestades nos estão inculcando que devemos lutar com valor, sem que nos assuste o poder das trevas.

Venhamos por fim á terceira Gerarchia. Ha n'ella um côro que preside, ordena e dirige a execução dos mandados divinos; outro que os cumpre e executa nos negocios mais arduos da Igreja e do mundo; e outro, finalmente, que os realisa nos casos communs e em todos aquelles que se referem a cada um dos homens em particular. O primeiro chama-se dos *Principados*, o segundo dos *Archanjos* e o terceiro dos *Anjos*.

Os Principados representam a Autoridade Divina, presidindo e dirigindo os ministerios dos Archanjos e dos Anjos, cooperando para os mesmos com a efficacia de seu poder. S. Dionysio colloca á frente d'esta milicia o Archanjo S. Miguel, de que se diz no Apocalypse que com os seus Anjos pelejava com o dragão infernal, intendendo-se por estas palavras aquella terrivel batalha, que se travou no céu ao principio dos seculos, e está sustentando a Igreja continuamente na terra, como nol-o indica Leão XIII com a applicação das mesmas nos referidos Exorcismos (3). E porque os Principados tem a seu cuidado e vigilancia os reinos e as nações, é venerado o principe de todos elles, S. Miguel, como Patrono do Soberano Pontífice e da Igreja Catholica, pois a elle está confiada, como diz o mesmo Pontífice, a *defesa da Esposa de Jesus*

Christo contra as perversas potestades da terra e do inferno (1).

Aos ullimos coros d'esta Gerarchia, constituídos pelos Archanjos e Anjos, está confiada a defesa dos povos e dos homens, cujo officio desempenham mediante sanctas inspirações, removendo os obstaculos que se oppoem ao nosso bem, especialmente á salvação de nossas almas, defendendo-nos dos inimigos, inclinando-nos ao bem, e apartando-nos de tudo que nos possa damnificar. São, n'uma palavra, os instrumentos de que Deus se vale para fazer-nos conhecer sua vontade e levar-nos a cumpri-la. Distinguem-se os Anjos dos Archanjos, em que estes são deputados para annunciar os mais altos mysterios, como foi o mysterio da Incarnação, revelado a Maria pelo Archanjo S. Gabriel, e tem a seu cuidado os prelados, principes e mais pessoas constituídas em alta dignidade, ao passo que os Anjos tem a seu cuidado os demais homens e soem ser conhecidos pelo nome de Anjos Custodios, isto é, Anjos da guarda. Dos Archanjos escreve S. Bernardo *que são conhecedores dos mysterios divinos e são, ordinariamente enviados na execução dos mandados de Deus, ao passo que os Anjos se concedem a cada um dos homens* (2). Os Principados nos ensinam quanto devemos admirar a Divina Providencia e cooperar em seus designios, cabendo nos aprender dos Anjos e Archanjos quam seguros nos devemos considerar de baixo de sua sollicita guarda, e a confiança com que a elles havemos de recorrer implorando sua protecção em favor dos povos e auctoridades que nos governam, bem como o auxilio para nossas varias necessidades e de nossos proximos. Oh! quam incompreensivel e ineffavel se nos mostra a Sabedoria e Bondade de Deus destinando á guarda e protecção do homem aquelles nobilissimos e bemaventurados espiritos que se embriagam sem cessar com a maravilhosa doçura da cidade de Deus! Oh! os principes da gloria familiares do homem... compa-nheiros do homem... tutelares do homem...! Aquellas bellezas encantadoras, sentadas ao banquete real preparado por Deus para seus intimos cortesãos, onde se fartam de sua formosura, destinados a pedagogos e ministros do homem que vive atolado no abysmo dos peccados! Tam grande ha sido a dignação de Deus em favor do homem, verme miseravel, que não ha palavras suf-

ficientes para dar-lhe o devido agradecimento.

Porque, em verdade, mercê mui singular e favor inextimavel haver-nos confiado á vigilancia e cuidado dos Anjos, *Angelis suis mandavit de te*, com o encargo de que jamais nos desamparem, de sorte que de continuo velam juncto de nós, apontando-nos o caminho e dirigindo nossas acções, *ut custodiant et in omnis viis tuis*, e tal é o zelo que nos consagram que nos levam assim como nas palmas, para jamais o nosso pé chegue a tropeçar.

E para mais alentar nossa esperanza em seus ensinamentos e conselhos, certifica-nos que em sua direcção vencemos quantos obstaculos se nos oppo-nham, caminhando sem sobresalto nem cuidado sobre leões e dragões. *Super aspidem et basiliscum ambulabis et concubabis leonem et draconem*.

E nem vos inclineis a pensar que esta assistencia é accidental e transitoria, pois é de todas as horas e todos os tempos, porque sempre os anjos nos estão presentes, visto que a cada um foi destinado seu anjo desde o primeiro instante que abriu os olhos á luz da vida, como se deduz d'aquella sentença de Jesus Christo, quando referindo-se aos meninos, dizia, *que seus anjos sempre vêem o rosto do Pai que está nos céos* (1), e o ensinam commumente os Doutores seguindo a Sancto Anselmo, de quem são estas decisivas palavras: cada uma das nossas almas é confiada a seu respectivo Anjo no momento mesmo em que é infundida no corpo (2). De modo que durante o somno e durante a vigilia, na igreja quando oramos, e em casa quando nos dedicamos a nossos trabalhos, sempre e em todas as partes nos assistem os Anjos da guarda, cumprindo attentamente seu officio, sendo muito para notar que ainda nos mesmos instantes em que temos a desdita de cair em peccado e viver no apartamento de Deus, ainda então, como ensina Sancto Thomaz, dispõsua amorosissima Providencia, que nem por isso nos abandonem seus Anjos, senão que continuem a assistir-nos para nos livrarem de peccados ulteriores e mais graves quedas a que nos impulsione o terrivel inimigo, e nos auxiliem na restauração da graça perdida (3).

E se quereis saber no que consistem os principaes officios d'esta guarda e custodia que os Anjos commosco exercem, diremos que nos illuminam e illustram, nos inspiram e admoestam,

(1) *Quarum nutu vel opere signa et prodigia in elementis factos apparent ad commotionem mortalium.* (S. Bern. Ibid.)

(2) S. Bern. Ibid.

(3) S. Dionys. no logar citado.

(1) *Te custodem et Patronum sancta veneratur Ecclesia. Te gloriatur defensore adversus terrestrium et infernorum nefarias potestates.* (Exorc. jussu Leonis XIII edit. Ad S. Mich. precatio).

(2) S. Bern. Ibid.

(1) Math. XVIII, 10.

(2) *Unaqueque anima dum in corpus mittitur, Angelo committitur.* (S. Anselm. in Elucidar. circa medium.)

(3) S. Thomaz. lib. 2, sent. D. 11, q. 1, art. 4.

nos infundem o conhecimento da verdade e apartam do erro, nos dispõem e excitam á prática de todo o bem. Abi estão os livros sanctos dando-nos testemunho de que os Anjos, em suas aparições, avisam, instruem, aconselham e dão luz, como na aparição ao Patriarcha Abrahão e a Lot (1); quando o Archanjo Gabriel instruiu a sancta Virgem acerca da Incarnação do Verbo de Deus (2); quando o Anjo do Senhor appareceu aos Apostolos, abrindo-lhes as portas do carcere e guiando-os no que tinham a fazer em beneficio do povo (3); quando Philippe, o Diacono, instruiu e baptisou o enucho de Candace, rainha dos Etiopes, em virtude das ordens que lhe transmittiu o Anjo do Senhor (4); na vocação de Cornelio e sua apresentação ao Apostolo S. Pedro por ministerio de outro Anjo (5), e assim em muitos outros casos. Verdade seja que a miude se não repetem d'este modo sensível taes ensinamentos e incitações, como nos exemplos que deixamos expostos; não ha porém a menor duvida, segundo vemos em Sancto Thomaz, de que Deus, no curso ordinario de sua providencia, se serve do ministerio invisivel dos Anjos, e a elles devemos muitas das sobrenaturaes illustrações. muitos d'esses impulsos interiores, que ora nos detem no caminho da maldade, ora são o principio de nossa conversão e nossas boas obras. Alentam cada vez mais nossa fraqueza, nos sustentam ao aggreddir-nos o embate das tentações, e, segundo o mesmo sancto Padre, nos communicam forças sobrenaturaes, cooperando em todos os actos valiosos para a vida eterna (6). São os Anjos os que a Deus offerecem nossas orações e boas obras, intercedendo por nós, como disse Raphael a Tobias (7), e nos ensina Sancto Agostinho por aquellas tam consoladoras palavras de seus soliloquios: *A vós, ó Deus meu, elovam os Anjos nossos gemidos e suspiros, não porque vos sejam desconhecidos, senão porque vos sejam desconhecidos, senão porque que, com o poder de sua intercessão, obtemos mais facilmente os favores de vossa divina clemencia, e venham sobre nós as vossas bençãos por que tanto suspiramos* (8). São os Anjos nossos defensores nos perigos e lauces arriscados a que nos vemos expostos, de corpo ou alma, como quando o Apostolo S. Pedro foi posto em liberdade por ministerio de um Anjo que o conduziu

a salvo por entre as sentinellas (1); os Anjos são finalmente quem reprimem o poder dos demonios, para que não succumba nossa fraqueza nos combates e tentações sustentadas contra estes.

Estas considerações fazem exclamar S. Bernardo: *Quanta não devéra ser a reverencia inspirada por esta verdade? quanto o amor, quanta a confiança? Reverencia pela presença dos Anjos, amor por sua benevolencia, confiança por seus cuidados, porque estão aqui os Anjos presentes, precisamente para ti, e não só contigo, senão por tua causa. Estão contigo para te protegerem e servirem. Sejamos pois devotos e amantes; sejamos agradecidos a tam illustres guardas nossos; devotados-lhes amor por amor; honremol-os quanto em nós cabe, quanto é levar nosso honral-os. Offereçamos porém todo o nosso amor e toda a nossa honra a quella de quem provem a nós e a elles a honra de sermos amados. Amemos n'Elle a seus Anjos que hão de um dia ser nossos coherdeiros, como são hoje nossos defensores e tutelares por disposição de nosso Pae celeste. Que temeremos a sombra de tam assignalados protectores? Não podem ser vencidos nem seduzidos, nem sequer enganar-nos os que nos guardam em todos os nossos passos e negocios. Fidelissimos, prudentes e valorosos, porque vacillamos? Sigamol-os; não nos apartemos d'elles; descancemos sob os olhares do Deus do céo. Quam facilmente vai seu caminho o que é levado por taes mãos! Tende-os como familiares vossos; tende-os sempre presentes em vossa mente, e invocai-os de continuo, já que estão sempre attentos para vos guardar e consolar* (2).

(Continúa)

Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º 4)

95.º

CCV

P. Paulo de Barry

ESTE jesuita, descendente d'uma familia nobre, nasceu em França, no anno de 1587: abandonou, porém, todas as grandezas e honras do mundo para abraçar a vida religiosa e entregar-se unicamente á contemplação das coisas divinas e á sanctificação da sua alma e do seu proximo.

(1) Act. XII, 7, 10.

(2) S. Bern. Serm. 12, in psalm. XC.

Uma vocação irresistivel o determinou a professar na Ordem de Santo Ignacio, o que levou a effeito em 1605. Um homem com este precedente devia necessariamente ser um religioso perfeito, um verdadeiro jesuita. E assim foi o P. Paulo de Barry.

Effectivamente distinguuiu-se por sua piedade, por sua sciencia, pela exactissima observancia do seu instituto.

Conhecido por suas virtudes e alta capacidade para os cargos da Ordem, o P. Barry foi reitor de varios collegios, como em Avinhão e Nimes, e reggeu toda a provincia de Lyon. Ensinou por muito tempo philosophia com grande applauso.

Falleceu piamente em Avinhão a 28 de julho de 1661.

Este jesuita dedicou-se especialmente a escrever obras de piedade, que são em grande numero. O auctor publicou-as em francez; mas a maior parte d'ellas foi traduzida em latim, italiano e allemão.

O jesuita Barry passou a sua vida a ensinar e a instruir os povos com a doutrina e com o exemplo, mais effcaz que a doutrina. Não deixou, porem, de ser ultrajado fortemente pelo jansenista Paschal nas suas *Cartas Provinciaes*.

Foi elle um dos homens mais notaveis da Companhia de Jesus, um dos principaes auctores de mystica; e assim não admira que o seu nome figure no engenhoso romance d'um discipulo de Porto Real. A Igreja, porem, nunca censurou os escriptos de Paulo de Barry.

Não quer isto dizer que todas as opiniões d'este jesuita sejam admissiveis em boa logica; o que igualmente se deve entender d'outro qualquer.

E' certo, porem, que elle escreveu com rectas intenções, e que foi um religioso virtuoso e sabio.

CCVI

P. Luiz da Ponte

Não foi menos celebre entre os mestres da vida espiritual o Padre Luiz da Ponte, de que agora nos vamos occupar: elle foi um dos mais sublimes contemplativos do seu seculo, segundo o juizo do grande Bossuet.

Nasceu em Valladolid, no anno de 1554, d'uma familia nobre, vestindo a roupeta jesuitica em 1575. Tinha já cursado philosophia e theologia.

Por muito tempo Luiz da Ponte vacillou sobre a Ordem religiosa que devia abraçar, se na de S. Domingos, se na de Santo Ignacio; mas emfim acreditou que Deus o chamava a esta ultima que então florescia na Hespanha.

Passando a estudar as lettras e sciencias, segundo o systema da Companhia, fez n'ellas grandes progressos, e foi

(1) Gen. XVIII, XIX.

(2) Luc. 1, 26, 38.

(3) Act. V, 18, 19.

(4) Act. VIII, 26, 39.

(5) Ibid. X, 3, 30.

(6) S. Thom. 1, q. 114, art. 3 ad. 3.

(7) *Quando orabas cum lachrymis et sepe peliebas mortuos... ego obtuli orationem tuam Domino.* (Tob. XII).

(8) S. Aug. Soliloq. cap. 27.

professor em alguns collegios da sua Ordem. Mas não pôde continuar no ensino por falta de saúde. Dedicou-se então á direcção das consciências e á composição de livros de piedade.

Na occasião em que uma terrível peste assolou uma parte da Hespanha, o jesuita da Ponte, movido do zelo e caridade, sollicitou de seus superiores e obteve a permissão de ir socorrer os atacados da epidemia. Exerceu o seu ministerio com toda a dedicação.

Depois d'uma vida passada na pratica das mais eminentes virtudes e na penitencia, o P. Luiz da Ponte morreu santamente em Valladolid a 16 de fevereiro de 1624.

Segundo nos parece, foi em tempo introduzida a causa da sua beatificação. a qual se não levou a effecto com a extincção da Companhia de Jesus no seculo passado. Comtudo é certo que falleceu em cheiro de santidade, e bem merecia a honra de ser inscripto no catalogo dos santos.

E' geralmente tratado como veneravel, e assim o denomina Santo Affonso de Liguori, que fazia grande estimação das obras asceticas d'este santo e sabio jesuita.

São muitas as obras do P. Luiz da Ponte, que versam quasi todas sobre materia espiritual, e são cheias de unção e de instrucção. Teem sido traduzidas em francez, latim e arabe.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Aldeia africana

(Vid. p. 61)

RECEBEMOS ha pouco uma obra de grande valor, pregoeira de nossas actuaes glorias na costa occidental d'Africa, (1) onde vamos achar discripção adequada á correcta gravura que na pagina 61 contemplam os nossos leitores. Transcrevemos o que a pagina 23 se diz alli da missão do Jáu:

«Em 1889 (2) pudémos felizmente realisar a fundação d'uma nova missão, para o que muito concorreu um subsidio do governo, no valor de 2:000,5000. Escolhemos para esta fundação a tribu dos Vandy, povo laborioso guerreiro, e de todo selvagem, que habita a oeste sobre o planalto do cume de Chella. Desde tres annos haviamos travado relações com esses valentes selvagens, que muito insistiam para que nos esta-

belessemos no meio d'elles. Iamos visital-os cada anno, e, de *motu proprio*, nos haviam offerecido um valle esplendido, sito juncto á nascente do rio Bero, para ahí fundarmos a futura missão e aldeia christã.

Auxiliados por estes robustos e laboriosos indigenas, pudemos, em menos de dois annos, construir a habitação dos missionarios, seis modestas habitações para as primeiras familias christãs, uma capella, uma eschola, um dormitorio para os orphãos, uma casa para tres irmãos da missão, e um pequeno orphanato, com eschola, para as raparigas do paiz. Era de admirar o rapido desinvolvimento, no meio d'um povo tam selvagem, d'uma obra tam bella e tam sympathica.

A boa vontade d'estes bons pretos é o mais eloquente testemunho do imperio irresistivel, que exerce no selvagem africano a presença do missionario catholico. Collocamos sob o patrocinio de Nossa Senhora das Victorias, Refugio dos peccadores, esta missão, cuja fundação é, effectivamente, a primeira victoria alcançada por Maria sobre a selvageria, natural preguiça e indifferença do negro.

Celebraram-se no dia 26 de julho de 1891 os primeiros casamentos christãos, em numero de seis, que formam outras tantas familias, nucleo da primeira aldeia christã de missão de Huilla.

Os Vandy, antes ferocissimos e sanguinarios, de boamente se apresentam aos missionarios, e tomando-os por arbitros nas demandas, sujeitam-se do melhor grado ás suas decisões. Apprendem de nossos recém-casados o exemplo do trabalho, e pouco e pouco vão apreciando as vantagens da familia christã, cuja vida regrada, laboriosa, previdente e relativamente cheia de doçuras, até alli inteiramente desconhecidas, começa já a exercer a mais salutar influencia n'esses corações grosseiros mas simples. Esta missão deverá, n'um futuro muito proximo, produzir resultados valiosos, indo já dispondos estes selvagens á acceitação da doutrina christã, e, portanto, á verdadeira civilisação.»

Com as Ordens Religiosas quanto poderiamos ter feito em nossa Africa, e quanto faremos ainda se soubermos utilisal-as?

Um chefe dos Cruzados

(Vid. p. 67)

O romance — «O Prisioneiro» — que actualmente se publica, descreve admiravelmente o desenho da gravura.

Sancto André em Bayona

(Vid. pag. 78)

E' um dos melhores templos da no-

bre cidade da Biscaya, que se orgulha dos seus formosos panoramas nas margens do Adour e do Nive, que alli se junctam, retalhando a cidade em grandes bairros, ligados por muitas e elegantes pontes; das muralhas suberbas que por quatorze vezes a defenderam de apertados sitios; da sua esplendida bibliotheca; e sobre tudo de seu frequentado porto, que, apesar de difficil accesso, é um valioso emporio do commercio dos vinhos, oleos, madeiras de construcção, pannos e couros.

Apenas o viajante passa as portas da cidade, logo no horisonte se destacam as altas agulhas da cathedral e de Sancto André, formosos exemplares do estylo gothico. A igreja que representa a gravura, prende-nos pela magestade das proporções, pelo correcto das linhas, pelo primor da execução, pelo alevantado das flechas, mas deixa algum tanto a desejar no adorno interior. A cathedral tem passado por admiravel renovação, graças a uma quantiosa renda, de 35:000 francos annuaes, que lhe legou um opulento armador de Bayona. Sancto André era bem digno de igual mercê para que ás indiscutíveis bellezas architectonicas pudesse unir os primores da esculptura, da estatuaría e da pintura.

Xadrez

(Vid. p. 79)

Eis um dos jogos mais sympathicos e instructivos que, inventado pelos indios 35 seculos antes da era christã, faz ainda hoje o encanto de muitos apaixonados. A gravura vos aponta a suprema attenção d'aquelles dois compadres, que levam manhãs, tardes e noites, no percorrer incessante das sessenta e quatro casas do taboleiro, pondo em evoluções variadas até ao infinito, o rei, a rainha, os dois bispos, os dois cavalleiros, as duas torres, e os oito peões, que todos tem differente passo ao moverem-se sobre o xadrez, verdadeiro, e admiravel campo de batalha.

A Europa conheceu este jogo só depois das cruzadas, trazido pelos soldados christãos que iam batalhar na defenza do tumulo de Christo. Soffreu então varias modificações, assumindo a norma que actualmente conserva, norma sujeita ainda assim a algumas variantes, visto que o systema francez subordina as peças aos peões, ao inverso do systema italiano, emtanto que na Allemanha se dá igual valor ás peças e aos peões.

O melhor das sociedades em todas as nações ha cultivado por muitos seculos este delicioso passatempo, sendo ainda hoje de grande apreço para amenisar o ocio dos militares e os recreios dos collegiaes.

R.

(1) «Boletim da Associação de Orações e boas obras pela conversão dos pretos, 11 anno—1893, instaurado no Seminarip Apostolico do Espirito Sancto—BRAGA».

(2) Pag. 23.

RETROSPECTO

Alleluia!

Escrevendo em dia de Pascoa, comecei por dirigir á illustrada empreza do «*O Progresso Catholico*» e aos seus numerosos assignantes e leitores os meus cumprimentos de boas festas.

Haec dies, quam fecit Dominus: exultemus, et laetémur in ea.

Apezar de dezenove vezes seculares, as manifestações externas do culto catholico têm o misterioso condão de acordar na alma humana sentimentos sempre vivos e intensos, como se o pacto, que as determina, tivera a sua realisação na actualidade.

Quem pôde assistir ás commoventes solemnidades da Semana Santa, quem relembrar os augustos misterios, que ellas commemoram, sem se lhe annuiar a fronte da tristeza, sem se lhe ficar a alma como esmagada sob o pêso d'uma amargura infinita?

Inversamente, que coração, por mais de gôlo que seja, se não commoverá, que alma se não abraçará no fogo do mais santo e justo entusiasmo, ao chegar a hora das alleluias, quando os ministros sagrados, depostas já as vestes róxas, apparecem paramentados de gala, entoando o himno dos anjos—*Gloria in excelsis Deo?*

E, depois, aquelle prolongado toque de campaiuhas, que se repercute pelos angulos do templo, e as harmonias do organ caçando-se em acordes meliodiosos com as vozes dos musicos, e a luz entrando a jorros vivissimos pelas frestas até li cerradas e dissipando as sombras, que envolviam as naves, e, cá fóra, os sons estridentes dos instrumentos combinando-se na execução dos mais entusiasticos himnos, e os repiques festivos dos sinos reboando pelos ares e prolongando-se a través dos campos n'uma toada, ora plangente e gemebunda como um suspiro, ora viva e alegre como o sorriso da innocencia, e a alma desannuviando-se das tristezas, que a ensombravam, e o coração dilatando com o gôzo dos triunfos do amorosissimo Jesus, que resurge glorioso e vencedor da morte e do poder das trevas, ... ah! como tudo isto faz estremecer o coração de suavissimos jubilos, como tudo isto faz vibrar as fibras mais intimas da alma, e a enche de consolações abundantes!

Após as tristezas e opprobrios da Paixão, as alegrias e as glorias do triumpho!

Uma culminação de dôres desfeita pela superabundancia de gôzos!

Alleluia! leitores amigos, alleluia! E... *ad multos annos!*

As dôres da Virgem tiveram aqui a

sua commemoração na brilhante festividade realisada pela digna meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, que não poupou esforços para conseguir que aquella solemnidade atingisse o luzimento e esplendor dos annos anteriores. E conseguiu-o, na verdade.

Armação magnifica, e posta com superior gôsto artistico. Excellente a execução da parte musical, que, segundo dizem os entendidos, era de geito a crear uma reputação de mestre.

Mas, o que mais consola é ter havido um orador, que prégou, que se não perdeu em divagações exóticas, só boas para encher tempo, que dominou a transcendencia do assumpto, tornando o accessivel sem perder a correção e elevação no dizer.

Primoroso, eloquente e claro na forma, substancioso nas ideias, o ex.^{mo} sr. dr. Manuel Moreira Junior agradeceu a quantos tiveram a fortuna de o ouvir. É' signal de que os oradores commediantes vão em decadencia. Ainda bem!

Parabens a sua ex.^a rev.^{ma} e á meza da Veneravel Ordem Terceira, que fez tam acertada escolha.

Os rev.^{os} P.^{es} jesuitas, incansaveis operarios da vinha do Senhor, zelosos propugnadores dos interesses do Divino Coração, dêram ahi, ás noutes, exercicios só para homens, na igreja de S. Pedro. Foi uma grande graça que Nosso Senhor fez a esta cidade, mas da qual muitos não quizeram aproveitar-se. Tanto peor para elles, que assim perderam a oportunidade de bem merecerem da misericordia divina. Os que concorreram comportaram-se d'um modo edificante, sendo para admirar e muito para louvar a attenção e o recolhimento com que assistiam ás meditações e conferencias. Mas, ... não será isto uma beatice exquisita?

?...

Ahl V. S.^{as} estranharam a pergunta? Pois então saibam que aqui mesmo, entre nós, ha muito menino virtuoso, que berra contra a santa pratica dos exercicios espirituaes, alcinhando-a de manejos do beaterio, jesuitismo, e outros nomes feios com que se arma á innocencia popular.

A verdade, porem, (em que peze aos taes... meninos) é que os exercicios espirituaes são a alavanca mais poderosa para a destruição do reinado do peccado, porquanto, dando, aos que os fazem, occasião de conhecerem melhor os seus defeitos, as causas das suas quedas e os remedios para ellas, habitam-n'os a proceder com mais segurança no negocio da salvação.

Mas, n'esse caso, a pratica dos san-

tos exercicios é um beneficio enorme que se deve á Igreja?

Sim, senhor, á Igreja, que os propõe e aconselha como meio segurissimo de alcançar o ceu, e depois aos jesuitas, que se prestam com tanta facilidade a fazel os sem indagarom se isso lhes custa ou não.

Sempre se lembram de cousas os taes jesuitas! Dar-lhe agora para salvar almas e promoverem assim a maior gloria de Deus! Bem dizem os que lhes chamam ambiciosos. Ambiciosos, sim, senhores, é que elles são, e... tenho dito.

Cá por estas terras do norte ha um... santinho muito milagreiro, muito da devoção de certos catholicos e até de muitos padres, que a elle recorrem constantemente em suas necessidades. É' o «*O Primeiro de Janeiro.*»

Este... santinho d'uma figa, certamente com o generoso intuito de promover o bem dos seus devotos, para os quaes é como um oraculo, offerecia-lhes, ha dias, o seguinte acepipe em forma de annuncio:

«*Abre bem os teus olhos.*—Se queres saber quanto deves ao clero e á nobreza e conhecer os crimes de todos os Papas, reis, rainhas e imperadores assigna a *Historia dos Papas.*»

Ora, a tal *Historia dos Papas* é uma obra infame, recheada de mentiras e calumnias atrozes, escriptas adrede, para desacreditar a Igreja catholica, por *La Chaire*, um miseravel sem consciencia nem vergonha, no conceito dos miseros mortaes que vivem, como eu, cá nas regiões inferiores, mas canonizado e grande santo entre os maximos das regiões superiores (vulgo *chafaricas*), d'onde irradia os seus brilhantes fulgores o milagreiro Janeirinho.

Digamos, pois, imitando santo de tam grandes virtudes: «*Abre bem os teus olhos.*—Se queres saber quanta é a demencia de certos catholicos e quam lastimosa a desorientação de certos padres, procura conhecer os assignantes e leitores do «*O Primeiro de Janeiro.*»

D'antes, quando a vergonha não era patrimonio do menor numero, como hoje, dizia-se (mas não fazem caso porque era nos tempos do obscurantismo) que tam ladrão é o que furta como o que consente. De modo que commetter uma patifaria, e contribuir para que ella se realisasse e surtisse os seus efeitos era tudo a mesma cousa.

Assim, se um auctor caualha escrevia uma obra infame, os que contribuiam para a sua vulgarisação eram tam caualhas como elle. Hoje, não. Nos ditos tempos, em que vivemos, sob este regimen de falsa liberdade, que a si mesma se pregou já como uma mentira, como anda tudo do pernas

para o ar e cabeça para o chão, achasse meio de justificar todas as patifarias ou, pelo menos, de as desculpar, applicando os principios d'uma criminosa tolerancia, que aos olhos de Deus é, certamente, um crime gravissimo.

E' porisso que o «*O Primeiro de Janeiro*» triunfa, engorda e faz fortuna, em quanto que os jornaes religiosos vivem uma vida de sacrificios heroicos, desprezados dos catholicos que os não lêem, que os não assignam e que até os caloteiam! Catholicos, que me lêrdes, assignando e lendo os jornaes maus, contribuis para um grande mal—a deschristianisação da sociedade! Logo, sois culpados d'um crime monstruoso. Tende-o assim entendido.

Padre, aos meus collegas só direi que recordem a doutrina dos moralistas sobre a cooperação. Meditem-na bem e depois, se acharem que a consciencia os accusa, penitenciem se fazendo para o futuro o que sempre deveram ter feito—proteger a imprensa religiosa, que tam desajudada anda do auxilio dos catholicos.

Sursum corda! Que a resurreição de Nosso Senhor, que agora celebramos, seja a aurora d'uma epoca de resurgimento da acção catholica n'este malaventurado paiz, para que se não repita mais a vergonha de um jornal catholico ser forçado a suspender a sua publicação diaria, por motivo dos grandes calotes de que foi victima!

Refiro-me á «*A Ordem*», de Coimbra, valente campeão da causa catholica, que, por falta de recursos, proveniente do não pagamento de muitas assignaturas, passou a publicar-se só tres vezes por semana!

Muitas vezes tenho ouvido dizer que se não assignam os jornaes catholicos, porque se não afeiçoam á moderna, porque são mal redigidos, porque só trazem artigos massudos, porque o seu noticiario é pouco variado, ou velho, etc., etc.

Ora, a verdade é que isto não é rigorosamente exacto, porquanto hoje possuímos jornaes religiosos, cuja col-laboração é primorosa, vernacula mesmo, podendo afoutamente emparelhar-se com os de maior valia do campo contrario.

Acham que o noticiario tem pouco desenvolvimento? Pois forneçam-lhes, por meio das suas assignaturas, os meios precisos para que elles se habilitem a ter uma reportagem completa.

Dir-me-ão que é duro exigir-se-lhes que os assignem de preferencia a jornaes mais bem informados e mais baratos? Sim, será duro, será até um sacrificio muito penoso: mas, não o valerá a causa catholica? não o merecerá a

religião de Jesus, que tanto se sacrificou por nós? não o exigirá de nós o dever de vingarmos o sagrado esplendor da religião augusta, que professamos, de que muitos somos até ministros, oppondo á imprensa impia e maçonica, a imprensa religiosa? Demais, digam-me, snrs. catholicos e... mais alguma cousa, que assim fallam, que sempre estão promptos para desdenhar da imprensa religiosa, nunca assignaram jornal algum, que estivesse nas mesmas, ou ainda em peores, condições de redacção e de noticiario? E' sempre um jornal bem redigido e bem informado o que V. S.^{as} permitem que entre em suas casas? E o organo do partido que V. S.^{as} servem, será sempre uma folha n'aquellas condições? Quantas vezes não é elle uma luminaria ascorosa, vivendo só para a maledicencia e para o insulto, e sempre com um noticiario microscopico, velhissimo, réles, como acontece com a maior parte dos jornaes de provincia?

E, todavia, V. S.^{as} assignam taes jornaes e pagam-n'os pontualmente! Porque? Simplesmente, porque é o jornal do partido, que é preciso sustentar a todo o transe! Pois então sabiam que um catholico não pôde ter senão um partido—o de Jesus, que é o partido sustentado pela boa imprensa e furiosamente, satanicamente, combatido pela imprensa maldita, pelos incolores, seculares e quejandos, vendidos ao liberalismo maçonico e ao diabo, que são uma e a mesma entidade.

Acham duro? Paciencia. Catholico e padre, tenho obrigação de fallar claro, sem considerações absurdas, nem respeito humanos e, *dante Deo*, não faltarei a ella, ainda que isso me cause desgostos e se escandalisem os fariseus!

E' feitio que me vem do desejo de manter a paz da consciencia, custe o que custar: porisso não mudo.

E... fiquemos n'isto e por aqui.

* * *

Noticias do Fayal.—Ha já uns poucos de mezes que não enviei noticia d'esta pobre terra para as columnas do *Progresso Catholico*, mas hoje vou dar principio a ellas, posto que sejam poucas, e talvez sem nenhum interesse para os leitores.

—Tem-se fallado ultimamente por aqui muito em eleições, mas agora pouco se diz a tal respeito.

Desde que o telegrapho nos trouxe a noticia do que tem havido com a associação Commercial de Lisboa, e que houve a suspensão do decreto eleitoral, nem mais um passo se deu com respeito ás taes eleições, feitas sempre por tal modo *legaes*, que já não ha mais

tramoias que se armem para que cada um dos partidos militantes tenha a gloria de ficar vencedor. E vão lá dizer áquelles senhores que praticam um grandissimo mal, e que são os proprios a cavar a sua ruina, a da patria, e a da nação inteira!

Que se façam eleições para eleger quem tome o encargo de velar pelo bem do paiz, *transeat*; mas fazerem-se eleições que só levam ás nossas côrtes individuos (salvas honrosas excepções) que só pertendem locupletar-se á nossa custa, e patrocinar os seus afilhados, isso é que se não pôde levar á paciencia, pois os exemplos estão bem visiveis.

Se se falla em eleger deputados catholicos, ai! Jesus!... que foste dizer, ladrão!!... Lá vai catanada para valer, dizendo os liberaes que com tal *gente*... nem fallar n'elles é bom, porque só tratarão de proteger a Igreja e o mais se irá pela agua abaixo.

Ora!... que taes são os *amigos*!!!... Se a religião Catholica fosse como outras, que só protegem o vicio e toda a sorte de crimes; peccados e mais peccados, sem que haja o menor castigo (assim o pensam elles) então seria a melhor religião que no mundo poderia haver.

Mas... passemos a outra cousa. —Desde a quarta-feira de cinza tem-se feito, nas egrejas do Carmo e S. Francisco da nossa cidade, as predicas quaresmaes, sendo orador na primeira, ás quartas-feiras, o Rev.^o capellão e pregador regio sr. José Verissimo Ribeiro; e na segunda, ás sextas feiras, o Rev.^o ouvidor José Leal Furtado, dois oradores distinctos que, do alto da tribuna sagrada, tem instruido o povo com seus brilhantes e bem elaborados discursos.

Por hoje termino, e até breve.

Pedro Miguel, Fayal, 2—3—94.

F. Pedro da Rosalho.

ANNUNCIOS

AS BEMAVENTURANÇAS

OU A SCIENCIA DA FELICIDADE

Preço... 200 reis

VIDA DO VENERAVEL

P.^o FRANCISCO MARIA LIBERMANN

FUNDADOR DA

Congregação do Espirito Sancto e do Immaculado Coração de Maria

Preço.. 500 reis

A' venda na administração do «Progresso Catholico».